

"EITA NEGA GOSTOSA": ENTRE O DESEJO E O ESTEREÓTIPO, MARCAS CULTURAIS E DISCURSIVAS DO/ NO CORPO FEMININO NEGRO¹

Thaislane Lopes da Anunciação Macêdo²

Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia, no CFP/UFRB

E-mail: thaislanelopes@hotmail.com

Edivania Vitória Moreira³

Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia, no CFP/UFRB

E-mail: vit_vitoria08@hotmail.com

RESUMO

Os vários signos normalizadores que construíram e /ou constroem, moldam e aprisionam o corpo da mulher negra ao longo da história, foram se adequando às intenções discursivas do colonizador. Esses discursos estão apoiados por narrativas da cultura branca, machista, racista, sexista, heteronormativa e puderam ser constatado nas redes discursivas dos feirantes da cidade nordestina baiana de Amargosa. Compreender como esses discursos normalizam a mulher negra e constroem lugares restritos à sua vida pública é o principal objetivo deste artigo. Os estereótipos construídos pela cultura, de caráter normativo e hegemônico, são capilarizados na sociedade, criando empecilhos para a vida da mulher negra. As marcas sociodiscursivas e/ou socioculturais transformam, em muitos casos o corpo da mulher em um objeto, que serve apenas para satisfazer os desejos sexuais dos homens.

Palavras- Chave: Cultura; Desejo; Corpo; Estereótipos.

1 INTRODUÇÃO

A construção de corpos normalizados, enquadrados em padrões culturais que tentam invisibilizar a multiplicidade e a diversidade, reforçam as desigualdades e hierarquizam as diferenças. Da captura na África aos dias atuais o corpo negro passou

¹ Artigo elaborado sob orientação da Profa. Dra. Dyane Brito Reis e co-orientação da Profa. Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi.

² Bolsista PROPAAE integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Ações Afirmativas; Voluntária do Projeto de Pesquisa e Extensão Ateliê e Mapas da Diversidade.

³ Bolsista PROPAAE integrante do Projeto de Pesquisa e Extensão Ateliê e Mapas da Diversidade.

por diversas transformações que o marcou e o marca refletindo nas suas relações cotidianas. As marcas carregadas ao longo desses processos históricos refletem-se nas relações de saber/poder, criando discursos capazes de transformar o corpo em espaço de coerção, exploração e dominação.

As marcas sócio discursivas construídas do/no corpo feminino negro se adequam as relações estratégicas que melhor convém ao colonizador. Procuramos compreender como as falas dos feirantes apoiadas por narrativas da cultura europeia, branca, machista e sexista normalizam a mulher negra, construindo lugares restritos à sua vida pública.

O desejo (re)cria o corpo negro e o estereótipo o marca: A “nega” gostosa é a mesma “nega” que, muitas vezes, “não serve para casar”. Essas falas normalizadoras restringem o papel social da mulher negra criando empecilhos à sua vida. Esta pesquisa justifica-se pelos estereótipos e rotulações que “fabricam” o corpo feminino negro através de discursos que corriqueiramente se fazem presentes no nosso cotidiano. Para tanto, tem-se como base teórica os postulados de Foucault (1987), Bhabha (1998), Curiel (2007), Carneiro (2005), Cunha (2002) e Costa (2009).

2 A COLONIZAÇÃO DOCILIZA O CORPO NEGRO

Lugar de controle social o corpo sempre foi objeto das redes microfísicas de poder (FOUCAULT, 1987, 1998). Do sexo forçado com o colonizador às ridículas cantadas dos dias atuais várias foram e são as tentativas de domesticação e/ou disciplinarização do corpo da mulher negra. Segundo Foucault, a disciplina é um mecanismo de poder que permite o controle do corpo e lhe impõe uma relação de docilidade:

“O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. (...) ‘Adestra’ as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios.” (FOUCAULT, 1987)

O corpo negro é preso, dilacerado, estudado, marcado e classificado de acordo com os interesses do colonizador. O corpo que era feio, nojento, preguiçoso passa a ser,

paradoxalmente, belo, viril, trabalhador, exótico reconfigurando-se nos diferentes movimentos políticos (COSTA, 2009). Segundo Carneiro (2005), a reificação do homem negro na América ocorreu de modo geral, enquanto que a classificação da mulher como objeto e/ou mercadoria foi construída de modo particular.

Ao longo do processo de colonização a construção identitária de objeto da mulher negra esteve presente nos discursos que estereotipam o corpo feminino negro, configurando-o e criando rotulações que até hoje fazem-se presente na vida dessas mulheres. A colonialidade como padrão mundial de dominação fundamenta-se na classificação racial e étnica que para Anibal Quijano “é uma estrutura de dominação e exploração que se inicia com a colonização, mas as suas sequelas se estendem até os dias atuais” (apud CURIEL, 2007, p.94).

O primeiro contato corporal entre a mulher negra e o homem branco se dava pela amamentação. A ama de leite negra tinha o seu corpo docilizado e capturado para suprir as necessidades do colonizador. O corpo que amamentava também satisfazia o desejo sexual. De acordo com Carneiro (2005), o estupro colonial realizado pelos senhores brancos as mulheres negras e indígenas, resultou na mistura que deu origem as construções sobre a identidade nacional brasileira estruturando o mito de que no Brasil viveriam “harmoniosamente” as três raças em plena democracia racial.

As mulheres negras tinham o seu corpo violado para suprir os desejos do colonizador. “(...) Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama- de- vento, a primeira sensação completa de homem”(FREYRE, 1998, p. 89). De acordo com Curiel (2007), sempre fomos “ensinadas” a satisfazer o apetite sexual do homem branco. A violência sexual colonial é a base para todas as hierarquias de gênero e raça no Brasil.

3 METODOLOGIA

Para a constituição e produção deste trabalho, foi realizada a análise discursiva das entrevistas aplicadas a sete homens⁴ de diferentes faixa etárias e profissões, a

⁴ Os nomes dos entrevistados foram trocados pela denominação FEIRANTE seguida de uma numeração que vai do número 1 (um) ao número 7 (sete) por conta do sigilo da pesquisa.

maioria deles retiram de alguma forma o seu sustento da/na Feira Livre da cidade baiana de Amargosa.

A concepção de discurso que adotamos vem da construção epistemológica de Foucault, que de acordo com Revel:

“(...) designa, em geral, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente linguísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinada (por exemplo, a grande separação entre razão/ desrazão): a "ordem do discurso" própria a um período particular possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas” (2005, p.37).

A partir da análise foram observados que o discurso do colonizador está intrínseco nas narrativas dos feirantes e que estes possuem uma visão patriarcal e machista a respeito das mulheres negras.

4 EITA ‘NEGA’ GOSTOSA

A cor da pele configura-se em um fator importante para a construção do desejo: “*As morenas são mais gostosas... são bem feitas de corpo*” (FEIRANTE 1, 2012; Comunicação Oral). Outro entrevistado nos diz:

“A mulher não tem que ter... não barriguda pele morena...o corpo de uma mulher tem que ser realmente avião, cintura fina, um ‘negoçio’ bem bonito que a gente possa olhar e sentir... Oh, morena, mulata e negra é as três cores mais bonitas do universo, é as três cores mais bonitas agora a mulata é mais bonita ainda que a negra...a beleza pra mim tá no formato criado pela natureza” (FEIRANTE 2, 2012; Comunicação Oral).

A “morena boa de cama”, a “mulata do corpão”, a “nega fácil” são estereótipos facilmente percebidos e encontrados nas narrativas masculinas e nas produções culturais. A identidade de objeto incorporada as mulheres negras são representadas nas falas de muitos entrevistados: “*tem aquelas que agente pega só pra dá uma ‘castigada’ e depois largar*” (FEIRANTE 3, 2012; Comunicação Oral). Segundo Carneiro (2005):

O que poderia ser considerado histórias ou lembranças do período colonial permanecem vivas no imaginário social e adquirem novas roupagens e funções em uma ordem social supostamente democrática

que mantém intactas as relações de gênero, segundo a cor e a raça instituídas no período escravista. (p.23)

A morena e a mulata são categorias identitárias flutuantes que surgem a partir das teorias de embranquecimento da população. Curiel destaca que:

(...) ser mestiça responde a uma ideologia racista na construção do Estado nacional, é uma identidade dominante. A mestiçagem foi um dos mecanismos ideológicos para chegar a uma nação homogênea, cujas as referências legitimadas eram uma herança fundamentalmente europeia, na qual a genealogia indígena e africana desaparecem. (2007, p.97).

A mestiçagem já foi considerada um problema por diversos autores que debatiam a questão racial no Brasil. “É como se fosse impossível tratar da raça sem tratar de sexo ou de sexualidade: produto de relações sexuais espúrias o mulato já trazia no nome escolhido a marca de sua origem” (CORRÊA apud COSTA, 2009, p.97).

A “nega”/mulata/ morena é puro corpo “(...) *tem que ter pernã, bundão, um corpinho maneiro... Não dá pra ficar sem isso*” (FEIRANTE 3, 2012; Comunicação Oral); ou, sexo como um objeto desejável “... *eu não chamo uma mulher de gostosa, eu te chamei de gostosa? Eu chamo de saborosa é como você olhar uma fruta, é saborosa você não comeu ainda pra saber se é gostosa...*” (FEIRANTE 4, 2012; Comunicação Oral). O corpo feminino é entendido como espaço de exploração e dominação nas relações de gênero, ao ser perguntado como se comportaria e/ou se comporta ao ver uma mulher dentro das características citadas o Feirante 4, nos responde: “*Eu? A minha reação? Vê pra cima, igual ao Ronaldo Fenômeno centro avante, quando olha pra uma trave vê o gol... é a natureza do homem, é a coisa mais normal do mundo*”(2012; Comunicação Oral). Desconfiar e desacreditar do “natural” é um maneira de romper com visões binárias sexistas, que impõe ao corpo da mulher negra repertórios que se tornam opressores pelos regimes de poder/saber.

O travestismo discursivo presente nas entrevistas nos permite perceber como as velhas narrativas estão presentes na construção identitária da mulher negra. Na maioria das falas o ponto mais destacado entre os entrevistados foi a descrição de como seria uma mulher que “serviria” para casar: “*A conduta de uma mulher pra casar.. não deve ser só linda, você é linda! Sim você é linda, mas você tem que ter outros atributos. Você não pode usar o artifício da sua beleza... do seu corpo escultural para me persuadir né não? (...) Se você tá na vitrine, tá se vendendo... quer se vender vá pra um prostíbulo*”

(Feirante 7, 2012; Comunicação Oral). Esta deveria obedecer aos padrões hegemônicos normativos da sociedade, no qual as suas vestimentas deveriam cobrir todo o corpo, cuidarem da casa e dos filhos: *“Ela não pode usar shortinho, não pode usar decote...”* (FEIRANTE 6, 2012; Comunicação Oral); Outro entrevistado declara que:

“Olhe bem, hoje tá muito liberal tudo. Antigamente não tinha isso, eu tenho cinquenta anos. Há quarenta anos atrás, uma menina de quatorze anos não namorava aqui nessa região no recôncavo baiano... Por que as coisas da pré-modernização da ciência, inclusive não ofendendo vocês da faculdade isso tá crescendo...Os pais não tem mais os direito de cuidar de suas filhas, de educar. Elas não obedecem mais ou bonita ou feia... A evolução tirou aquele respeito, aquela educação das mulheres de vestir como mulher, de cobrir seu corpo pra deixar ser visto por seu marido depois do casamento...” (FEIRANTE 2, 2012; Comunicação Oral).

O corpo é vigiado. Esses repertórios discursivos negam a sexualidade da mulher, a partir dos modelos fixos de comportamento, estabelecidos nas relações sociais que utilizam estratégias de poder dominantes. As mulheres que de acordo com as narrativas dos entrevistados não servem para casar são as que usam roupas curtas, as que ficam nas esquinas, “as que saem para os pagodes da vida”, as que ficam o tempo todo na rua, as que não se “valorizam”. Mas o que seria uma “mulher de valores”? Seriam as mulheres que se submetem aos ridículos caprichos dos homens, seus maridos; que muitas vezes apanham caladas por medo; que são estupradas pelos seus companheiros diariamente; que não possuem o direito de usar a roupa que querem; que tem os seus desejos reprimidos?

Quando perguntávamos aos entrevistados se a cor da pele definia uma “mulher que só servia para diversão”, ou seja, “que não serviam para casar”, as respostas foram muito similares: *“Cor pra mim nunca definiu nada não.”* (FEIRANTE 7, 2012; Comunicação Oral). Mas a mulher que não é “pra casar” tem nas suas características o estereótipo da “nega” gostosa, demonstrando que as marcas culturais e discursivas impregnadas no/do corpo feminino negro configuram-se em espaços sociais restritos. Segundo Carneiro (2005):

“(…) Somos parte de um contingente de mulheres que trabalharam anos como escravas lavrando a terra ou nas ruas como vendedoras ou prostitutas. (...) Somos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. (...) Somos parte de um contingente de mulheres em que os anúncios de emprego destinam a seguinte frase: ‘Se exige boa aparência’ e cujo subtexto é: negras, não se apresentem” (p. 23).

O repúdio as mulheres negras e aos seus corpos configura o que Guillian chamou de “a grande teoria do esperma na formação nacional”, na qual o nosso papel é rejeitado na formação da cultura; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; a violência contra as mulheres negras é convertida em um romance (apud CARNEIRO, 2005, p. 21-22).

O corpo desejado é marcado pelo discurso do colonizador, as mulheres que tem o seu corpo constrangido pelo toque indesejado; que ao passar na rua escutam piadas; que despertam os mais diversos desejos e chamam a atenção masculina pelo tipo físico, idade, cor; só servem para muitos homens se divertirem, com a justificativa de que “mulher direita”, “mulher pra casar” não pode, não deve mostrar as partes do corpo mais desejadas na rua, saindo com roupas curtas que desenhavam a sua cintura e o seu quadril, marcam a sua bunda e mostram as suas coxas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar relações de poder na Feira Livre é analisar e observar estratégias de resistências que emanam naquele local. De acordo com Bhabha (1998):

A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momento de transformações históricas. (p.21)

Encontramos nas redes discursivas dos feirantes falas extremamente machistas, sexistas heteronormativas e preconceituosas que evidenciaram o regime patriarcal e colonizador nas produções micropolíticas e nas estratégias de poder/saber. Mas por outro lado, encontramos pontos de resistência nos gestos, nos rostos cansados, nas barraquinhas de tempero, de artesanato, de verdura, de frutas que são administradas por verdadeiras guerreiras, guerreiras mães, guerreiras jovens, guerreiras negras.

A “nega do corpão” desperta os mais variados desejos. Quando uma mulher negra escuta o “Eita nega gostosa” várias estratégias de poder estão sendo utilizadas e formuladas pela sociedade; contudo signos identitários estão sendo elaboradas nos entre- lugares, formando disjunções de etnias, religiosidades e gêneros, como formas de resistência à padronização. Erguem-se resistências fronteiriças, diaspóricas e complexas (BHABHA,1998).

6 REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG 1998.
- CARNEIRO, Sueli. Ennegrecer al Feminismo: La situación de la mujer negra en América Latina desde una perspectiva de género. In: *NQF*. Vol.24, nº2, 2005.
- CORRÊA, M. Sobre a invenção da mulata. In: *Cadernos Pagu*, n.6/7, 1996.
- COSTA, Rosely Gomes. Mestiçagem, Racialização e Gênero. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, Jan/Jun. 2009
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Artigo Bibliográfico Reflexões Sobre Biopoder e Pós-Colonialismo: Relendo Fanon e Foucault. *Mana*, nº, 2002.
- CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. *Nómadas*, Universidad Central- Colômbia, nº26, abril 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. Poder - corpo. In: *Microfísica do poder*. 2º ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: Formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. 34º ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução GREGOLIN, Maria do Rosário; MILANEZ Nilton; PIOVESANI Carlo. São Carlos : Claraluz, 2005.
- SCHWARCZ, L.M. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.